

IMPRESSÕES DE UMA VISITA

A'S CADÉAS DO

ALJUBE E RELAÇÃO DO PORTO

95/2 EML

Para o dia 13 d'outubro, pelas 11 horas da manhã.

Presidente. Ex.^{ma} Sr. Agostinho
Antonio de Castro.

Ex.^{mas} Srs.

Antonio de Castro

Arg.^{ts} (Antonio d'Almeida Monteiro
Antonio Placido de Castro
Clemente Joaquim dos Santos Pinto
Luiz de Freitas Viegas

N.º 2

DOMINGOS LOPES FIDALGO

IMPRESSÕES DE UMA VISITA
ÁS CADÊAS DO
ALJUBE E RELAÇÃO DO PORTO

(HYGIENE)

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

E DEFENDIDA SOB A PRESIDENCIA DO EX.^{mo} SR.

Dr. Agostinho Antonio do Souto

«Cultivem, desmoitem, reguem,
fecundem, illustrem, illuminem,
utilisem essa cabeça do homem
do povo, e não será preciso cor-
tal-a».

(Claudio Gueux — Victor
Hugo — Versão de João Huss.)

«Libération n'est pas délivran-
ce. On sort du bague, mais non
de la condamnation»

Victor Hugo: «Miseraveis.»

PORTO

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA MORGADO

27, Passeio da Cordoaria, 31

1899

9512 EMC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR INTERINO

DR. JOÃO PEREIRA DIAS LEBRE

SECRETARIO

DR. RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO DOCENTE

Professores proprietarios

1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva geral	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira — Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3. ^a Cadeira — Historia Natural dos medicamentos e materia medica	Ilydio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio J. de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira — Medicina operatoria	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
6. ^a Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Candido A. Corrêa de Pinho.
7. ^a Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira — Clinica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica	Roberto B. do Rosario Frias.
10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica	Augusto H. d'Almeida Brandão.
11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia	Ricardo d'Almeida Jorge.
12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semiologia e historia medica	Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
Pharmacia	Nuno Dias Salgueiro.

Professores jubilados

Secção medica.	{ Pedro Augusto Dias.
	{ Dr. José Carlos Lopes.
	{ José d'Andrade Gramacho.

Professores substitutos

Secção medica.	{ João L. Martins da Silva Jnior.
	{ Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
Secção cirurgica	{ Clemente J. dos Santos P. Junior.
	{ Carlos Alberto de Lima.

Demonstrador de anatomia

Secção cirurgica	Luiz de Freitas Viegas.
----------------------------	-------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º).

A' SANTA MEMORIA

DE

MINHA QUERIDA MÃE

Chrysalida sacrosanta da minha existencia, tu foste a inspirador do meu trabalho, e por isso aqui t'o dedico; é mais teu que meu. Quando á noite rezavas pelos prezos encarcerados e para que Deus nos livrasse de ferros d'el-rei, mal sabias que tambem eu, guiado por ti, havia de interceder por elles. Se a minha obra não vale uma das tuas preces, ó santa das minhas orações, recebe-a pela sinceridade com que foi escripta. Ainda não perdi os bellos sentimentos que me inoculaste; viva eras o meu anjo da Guarda; morta é ainda a Tua imagem que se interpõe entre mim e o vicio.

PROLOGO

Com fortuna varia e sem vento prospero fizemos a longa travessia, que vae desde a entrada da barra no Lyceu até ao desembarque no porto do destino—o 5.º anno de Medicina. No fim d'este comprido curso, levado a cabo não sem alguns revezes, olhamos para traz e, surprehendidos, achamos vazias, quasi completamente vazias, as arcas dos nossos conhecimentos, quando farta e lucrativa colheita deveriamos e poderiamos ter feito na derrota. De quem a culpa? vejamos.

Portugal, desde que *a brisa dos seus outeiros* foi transmutada em um norte aspero e congelante de desmoralisação e demencia, que affectou o seu centro optico, não o deixando enxergar alli além das montanhas da raia, ficou separado do mundo scientifico por montes não menos espessos—os montes da ignorancia.

Quando alguma *mercadoria* scientifica consegue transpôr o cordão sanitario, que a Europa formou á roda de Portugal, entra, coitada!, ás

furtadellas, sonegada aos direitos, e vem infectar-se e mirrar-se n'este pauperrimo solo, d'onde não pôde haurir a seiva nutriente, e de cuja athmosphera asphyxiante não pôde soffrer a inclemencia por falta de habituação.

Mutilada, interpolada e avariada de mil maneiras é atirada aos mercados nacionaes!

Esfomeado, o publico compra.

Resultado: más digestões, pessima assimilação, definhamente fatal!

Todas as nossas reformas de instrucção têm sido servil e criminosamente copiadas do estrangeiro, como se nós foramos de *caoutchouc*, preparados para ser encaixados em qualquer molde, ou seja o leito de Procustes, ou o bestunto de qualquer Balaan!

A França e a Allemanha tem em Portugal comprador certo dos seus *monos* scientificos.

É graças aos defeitos e frequente variação dos nossos regulamentos de ensino, aos proprios processos de ensino, e — porque não dizel-o á incompetencia de uns professores, má vontade ou *brandura* de outros, que nós fazemos durante o curso dos lyceus baldado e nocivo esforço.

Quasi sempre, para vencer a irracionalidade dos methodos, dispendemos actividade, que se não compadece com o nosso amplo desenvolvimento physico, e que para sempre nos deixa eivada a cultura intellectual. Tudo isto para, no fim, encontrarmos negativa a somma dos nossos

conhecimentos. Durante o curso dos lyceus, que colhemos? Armados com o pomposo bacharelato em lettras ou sciencias pelo lyceu, para que estamos aptos?

Com effeito só temos sahida para a conquista de um diploma doutoral; estamos ataviados para ir ao El-dorado tonsurar o vello de ouro!

E senão, diga-se, para que serve um individuo n'estas condições que não seja seguir um curso superior.

Está-lhe aberta a porta do emprego publico, mas a burocracia em Portugal só requer, que se saiba desenhar a assignatura em fins de mez.

Estudamos durante dois annos Portuguez e Litteratura, onde nos exigem descripções do convento da Batalha, que nunca vimos!, onde ficamos a conhecer Camões por ser cego de um olho, mas de quem nunca lemos um verso, onde, valha a verdade, nos preparamos razoaveis caixeiros de livraria, mas d'onde sahimos—córemos de vergonha—a não saber redigir uma carta sem asinisar a grammatica!

Cançamos a memoria com as regras da grammatica Franceza, onde aprendemos que *a lagosta é peixe*, e recém-approvados, ou quiçá distinctos, engasgamo-nos ao ter de dizer «bon jour, monsieur» a alguem a quem o papá, desvanecido com o talento do menino, queira mostrar as nossas habilidades. Estudamos Francez, como se fôra lingua morta, que nunca precisemos de fallar!

Ao entrar em latim tomamo-nos de um horror e terror invencíveis, pois é lingua só para padres ou quem fôr apoucado de intelligencia. No fim do anno algum sacerdote, de hyssope em punho e recitando psalmos de David, exorcizará as diabolicas furias do mestre. Saimos como entramos, estropiando escarninhamente, mas ignorantes, *o hora, ae.*

De Geographia ficamos sabendo as cinco partes do Mundo e que o rio Douro desagua no Oceano Atlantico e tem a sua foz no Porto. Se nos apertarem pela sua origem, somos capazes de tergiversar!

De Historia Universal e Patria conhecemos que Troia foi conquistada n'um grande cavallo de pau e que appareceu Nosso Senhor Jesus Christo a D. Affonso Henriques nos campos de Ourique!

Mas onde, por mais necessarios, se torna extremamente sensivel a pobreza dos nossos conhecimentos, é em sciencias mathematicas e physicas. Se o Acaso travêso e arrelhiador muda as lettras a uma figura geometrica, Deus sabe a atrapalhação de alumnos e professor para chegar, quando o conseguem, á demonstração do theorema.

N'uma mesma cadeira estudamos em dois annos Chimica, Physica, Botanica, Zoologia, Mineralogia e Geologia.

Digamos desde já que em Mineralogia e

Geologia nem sequer entramos; nem as definições!

De Chimica não vemos praticar uma reacção; estudamos as propriedades chímicas, physicas e organolepticas dos corpos de cór, sem nunca lobrigar qualquer exemplar. De physica conhecemos a balança do mercieiro; de Botanica o cravo e a rosa por ós trazermos na lapella; e de Zoologia os animaes domesticos!

N'este lastimavel estado saímos do lyceu.

Será porque sejamos terreno esteril e sub-ventaneo? Não. A culpa é da semente e dos adubos. A semente não é legitima, o agricola por via de regra inhabil, e os adubos nullos. Os lyceus do reino para ahi jazem ao abandono sem o mais ligeiro simulacro de gabinetes de ensino; o mestre, bom ou mau, só pode contar para o ensino com um unico instrumento — o livro de texto em geral defeituoso.

Isto só succede n'um paiz, em que, como o nosso, se faz da instrucção uma fonte de receita!

*

*

*

Sobrecarregados com esta bagagem scientifica entramos — os que se destinam a Medicina — pimpões e fronte illuminada para o chamado curso philosophico.

Curso bi-fronte, amphibio, dá saída para mathematica e medicina. Em virtude d'esta organização não pode satisfazer ás necessidades do ensino. Ou se ha-de ensinar os assumptos de immediata applicação em medicina, ou se hão-de preferir os imperscindiveis para mathematica. Não ha conciliação possível. A querer conciliar, acontece como em cama de pobres só para uma pessoa onde por necessidade se deitam duas. Puxada a roupa d'um lado, falta no outro.

Demais a pobreza franciscana dos nossos laboratorios de Chimica, e dos gabinetes de Physica, Zoologia e Botanica, para deixar em paz o resto, não se compadecem com a colheita de alguns elementos praticos e de immediata applicação. Uma miseria! O Porto possuia um jardim botanico já insufficiente para as necessidades docentes, e ainda assim nas altas regiões se julgou que era demasiado.

Cerceou-se para a Guarda Municipal! Que importa, que se prejudique o ensino?! Acima da sciencia está a gratidão!

Além d'isso, vazios em preparatorios secundarios, temos de gastar uma grande parte do tempo em estudar o que tinhamos direito a já saber. Outras vezes somos arrastados pelas inclinações sentimentaes do professor para qualquer especialidade em detrimento de outros assumptos.

Ninguem ignora, que saímos dos cursos

philosophicos sem tocar sequer de leve assumptos aliás importantes. Optica, Acustica e uma grande parte da Electricidade saltam-se em claro!

Lições praticas de Physica temos ás vezes uma, onde nos mostram o anel de S'gravezend e as *luzinhas* dos tubos de Geissler.

Resultado: de microscopio só vimos alguma lupa com parasita dentro, e, quando nos apresentam o microscopio composto para applicarmos á Botanica, á Zoologia, á Histologia e á Bacteriologia, ficamos aterrados e não ousamos tocar n'aquelle objecto sagrado! Quando precisamos de fazer applicações electricas, receamos ser fulminados pela machina! O menos que nos succede é não a fazer funcionar! Chimica biologica não se sabe, se existe!

Assim, mesmo trabalhando muito, grangeamos pouco.

*

*

*

N'este estado vamos cursar medicina, a que nos destinamos ou a que nos destinou a exigencia paterna.

Os quatro primeiros annos atravessamol-os sem grande esforço, mas chegados ao 5.º anno, sem base nem tronco, custa-nos a sustentar o capitel.

Á nossa disposição é posto material de so-
bejo para o estudo. Impossivel percorrel-o todo.
Aqui estuda-se muito, e com gosto, ou porque
nos anime o exemplo dos professores companhei-
ros no trabalho, ou porque nos mova o acicate
do interesse na proxima clinica. Nos quatro pri-
meiros annos colhemos pouco; no 5.º colhemos
muito, porém mais recuperariamos, se não tives-
semos de gastar tempo em estudar antecedentes
necessarios. Falta o tempo.

*

E, após esta viagem tão desfavoravel, temos
de escrever um livro sobre sciencias medicas,
como se, dadivados generosamente pelo Espirito
Sancto com *sciencia infusa*, a podessemos der-
ramar por sobre as paginas de um livro branco
(melhor ficado assim); como se a sciencia fôra
moura encantada, que podessemos adquirir com
o pronunciar das secretas palavras magicas ou
dama leviana requestavel por improvisadas lóas,
entoadas ao som da guitarra sob o seu varan-
dim.

Quem se propõe a escrever um livro sobre
sciencia tem de avançar sobre o já escripto, ou
alguma lacuna preencher, systematisando, todi-
ficando vantajosamente para o estudo os mate-
riaes dispersos pelas diversas monographias. Em

todo o caso a obra, quer na essencia, quer no arranjo, tem de trazer impresso qualquer caracter, que a legitime.

Fóra d'isto, escrever sciencia é ou repetir inutilmente, ou copiar clandestina e criminosa-mente, ou ainda, o que é peor, acalentar a vaidade com verdadeiras teratologias scientificas. O raciocinio só pode caminhar seguro por entre a muita observação e a experiencia; aqui ainda o tempo é condição indispensavel.

Ao sair da Escola a nada d'isto podemos satisfazer.

Novilhos novos de mais para não poder soffrer o desmame, necessitamos de haurir do ubere materno o leite da sciencia, que nos ha-de alimentar sem digestões penosas e incompativeis com o nosso ainda debil e não equilibrado organismo.

Quanto mais fecundar e crear ovulo, que seja viavel?

O fructo, que por ventura conseguirmos produzir, de verde levará o travor a alguma bocca imprudente, que se affoite a mastigal-o; é cedo para d'arrancar da arvore tenra de mais tambem.

Mas... temos de fazer o *livro*...

INTRODUCCÃO

Á luz de uma analyse superficial e preconceituosa poderá parecer, que inutil, senão prejudicial, será quebrar lanças pela população das cadêas, que só serve para manter a sociedade em constante risco, invadindo os direitos individuaes ou attentando de qualquer fórma contra os interesses e liberdade dos outros.

Depressa, porém, conheceremos a injustiça, se attendermos a que as prisões são habitadas por accusados e condemnados; que áquelles póde innocental-os ámanhã uma investigação criminal mais conscienciosa, e a alguns d'estes poderia ter absolvido uma sociedade menos eivada de preconceitos, pois muitas vezes o pseudo-crime é uma revolta legitima de sentimentos ou direitos offendidos.

Uma grande parte dos miseraveis habitantes das prisões para alli fôram arremessados, porque a propria sociedade — honrada, porque farta — lhes creou ou sustentou um conjuncto

de circumstancias incompativeis com o caminho do dever. Mas o que é o dever? Sinto-me tentado a dizer que o dever de um homem honesto, que não consegue calar a fome de seus filhinhos, embora trabalhando com esforço sobrehumano, é roubar! Mas não se assuste o gordo conservantismo; nós não espalharemos taes doutrinas. Não ha virtude, que resista á fome. Uma necessidade organica é imperativa, não admitte transigencias além de um certo limite. Defrontada com a consciencia moral, voluntaria e hesitante, acabará por triumphar, recorrendo ao ultimo extremo. São duas forças oppostas, cuja resultante necessaria ficará do lado da maior. Uma simples questão de mechanica. E' tão facil fazer um criminoso, e ao mesmo tempo tão simples amparal-o na quéda!

No grupo das molestias evitaveis o crime occupa o primeiro logar — questão apenas de a sociedade perder as sestas, arregalar os olhos para vêr a ladeira que lá conduz, e estender o braço ao que vae despenhar-se!

Apparece no mundo uma creança, impulsionada pelos mais lidimos sentimentos, mas a quem a orphandade e o abandono negam os mais rudimentares principios de educação, e a pobreza, a miseria, os mais escassos recursos de alimentação. Acossada pela fome, irá, como cão faminto ás sargetas das ruas, procurar o alimento, vagabundeando ao desamparo, e, cruel sarcas-

mo!, escorraçada por muita gente *honrada*, só o encontrará no covil dos seus irmãos no vicio!

Como animal mais fraco juntar-se-á á mattilla, armando-se instinctivamente para o *streugle for life*.

Feito d'est'arte ocioso e vagabundo, medrará na devassidão, no vicio e no crime. Ahi temos uma chrysalida de anjo feita demonio, que não tardará a cair sob a alçada da justiça e a ser encarcerado. Este organismo, minado por um viver continuo de aventuras e privações, entre o alcool, a syphilis e o roubo, encontra-se em equilibrio instavel; não é muito, que o façam ruir as novas condições de estabilidade.

Mas que importa! . . .

Para corôar a obra, a Justiça — a tal que é cega para só *ver* o delicto — que não fez o minimo esforço para prevenir este consequente futuro, de rosto irado e balança *sem aferimento*, atira para uma enxovia, como materia putrida a nitrificar-se para estrume, estes organismos de-pauperados, que lá beberão os filtros da Morte!

Mais ainda. Se uma revolta miraculosa dos sentimentos de honestidade consegue tomar o passo ao instincto ou habito do mal, e o criminoso contra tudo e contra todos se regenera e deseja, uma vez saído da prisão, viver uma vida de trabalho honrado, o que o espera? A mesma sociedade, em nome de quem foi condemnado e que não quiz amparar a creança no cair do

abysmo, de atroz sorriso ironico, aponta o ladrão ou assassino, e nega-lhe o mais pequeno auxilio! Que ha-de fazer o ex-criminoso, se em toda a parte o conhecimento da sua antiga conducta lhe fecha as portas ao trabalho honesto, á subsistencia honrada?! O que fazer, se as funcções organicas se não extinguiram, se o estomago grita com fome e o cerebro, calcinado pela atrocidade da injustiça, arde em ancias de vingança? quem fez Jean Valgean? quem provocou o punhal de Cazerio Santo? quem regenerou Jean Valgean? os castiçaes do santo bispo Myriel, que só a imaginação pura e escandescente do poeta podia ter creado para eterna vergonha da humanidade egoista.

Se querem rarear o crime, colloquem-lhe Myrieis de sentinella!

Isto quanto aos criminosos, a quem o Acaso de nascimento ou fortuitas circumstancias posteriores impelliram á degradação.

Os nado-criminosos, physicamente stigmatizados, não sendo susceptiveis de rehabilitação, tambem não devem ser sujeitos a prisão correcional. E' preciso sequestral-os, mas injustiça evidente será sujeital-os a penas por delicto, que commetteram involuntariamente, impellidos por uma invencivel *vis a tergo*, e de que consequentemente não podem assumir a responsabilidade.

Se fosse possivel diagnosticar a sua inutilidade absoluta, a conducta a seguir seria a elimi-

nação completa — a morte; mas encontram-se ao lado dos profundos valles do crime tantas culminancias aproveitaveis!... Existem tantos artistas eximios entre estes infelizes!... Demais os hodiernos criminosos hereditarios n'alguma geração terão sido um producto mesologico, a obra da sociedade coeva, e por consequencia creadores dos cuidados devidos a doentes incuraveis, mas que enfermaram sem culpa propria.

O sequestro simples, mas sem ares de vindicta social, é o que se requer para esta especie de delictuosos. Aproveite-lhes a sociedade algum lado util para se compensar da despeza feita na sua sustentação.

*

* *

No nosso systema prisional o delinquente tem ensejo, senão de se iniciar em todos os segredos do crime, pelo menos de requintar e radicar os seus habitos ou instinctos maleficos. As prisões (exceptuada a penitenciaria central de Lisboa) são uma optima eschola, onde constantemente se ouve a apologia tão seductora do vicio, patheticamente descripto pelos reincidentes e já callejados.

O noviço, a principio por medo de ser maltractado ou vergonha de ser escarnecido e mais

tarde com prazer, ouve e acquiesce a estas doutrinações. Póde ter entrado na cadêa innocente; mas tem de saír criminoso!

Se n'uma sala encontramos, na mais perniciososa das misturas, assassinos, ladrões, salteadores, incendiarios, devassos, etc., e n'outra mulheres honestas e prostitutas, creanças e velhas, principiantes e reincidentes! . . .

Que bella eschola de encyclopedicos!

*

*

*

Nos tempos em que os thronos procuravam sustentar-se pelo terror e os povos jaziam cobardemente escravizados a senhores indignos do nome de homens, em que dominava a velha eschola metaphysica, arrancava-se a confissão do crime, sujeitando os miseros pacientes a torturas tão variadas e horriveis, que desafiavam a imaginação.

Rasgadas as carnes e mutilados os membros, eram atirados para enxovias a viver de parçeirismo com os reptis! Quantos innocentes condemnados e immolados ao odio de algum senhor, que devêra occupar o seu lugar!

N'esta epocha o que se exigia das prisões era que fossem seguras bastante para não deixar fugir os detidos.

Se quem reinava era o fanatismo e constantes dissensões eram alimentadas pelas intrigas fradescas e ambições dos senhores feudaes, se o homem era uma machina e a mulher um sêr abjecto, nada admira, que nenhuma consideração merecessem os miseraveis, pois nada interessavam.

Mergulhado nas trevas da epocha, o homem nem sequer vislumbrava a força, de que podia dispôr para sacudir o jugo: tal qual boi possante e pacifico, que se deixa tanger por uma creança.

Desde, porém, que a Revolução Franceza, derramando uma abundante luz de liberdade e justiça, nos illuminou a alma com mais nobres e altruisticos sentimentos, não é licito tal querer ou tal ousar. (A' excepção da tortura, officialmente abolida, as nossas prisões mantêm-se atrazadamente em pleno regimen medieval!)

A nova eschola penal divide os delinquentes, a quem attende, em criminosos natos e criminosos de occasião. A uns e outros é preciso privar da liberdade para não tolher a liberdade social, e coagil-os a reparar o damno, que causaram, mas nunca affogal-os lentamente n'uma athmosphera de veneno.

A segunda cathegoria de criminosos é susceptivel de regeneração, e consequentemente poderão no futuro ser honrados cidadãos prestantes.

Os outros são enfermos de ruim especie, que merecem os nossos desvelos, a nossa piedade.

Mas se isto ainda não é bastante, mova-nos o egoismo! Conservemos a saude dos prezos para lhe aproveitarmos o trabalho, e porque, doentes, se tornam mais dispendiosos.

O trabalho é dos meios mais idoneos para a hygiene do corpo, como para a hygiene moral. Se os prezos pouco ou nada trabalham, é porque o Estado, na sua descuidada veraneação constante, lhes não fornece os meios apropriados. Porque não hão-de os prezos pelo seu trabalho provêr á sustentação d'aquelles, que o seu crime lançou na miseria e na fome?

Valha-nos a economia, já que nos não incitam sentimentos de Justiça.

E, senão, risquemos dos Codigos a abolição da pena de morte, para que não mintamos ao mundo civilisado, porque mais humanitaria é a morte rapida, do que a propinada lentamente, em doses fraccionadas até effeito.

*

*

*

Sendo as tres grandes causas de degeneramento e ruina — alcoolismo, syphilis e tuberculose — *passivo* seguro, com que a população das prisões tem a contar para concorrer na resisten-

cia ás causas morbigenas, que admira que, uma vez caídos nas garras dos meirinhos e internados n'essas espeluncas, a que a lei chama prisões, succumbam na refrega?

Facilmente se antevê que a tuberculose fará liquidar o maior numero d'aquelles *alcançados*.

As cadêas da Relação do Porto, como adiante se verá, são pelas suas condições de salubridade mais que sufficientes para triumphar na lucta travada entre ellas e os organismos lá internados, cuja reacção vital n'outro meio, que não fosse aquelle necroterio, recolheria as palmas da victoria.

Individuos robustos, filhos de aldeãos saudios, habituados a viver ao grande ar, e em quem nunca se tinha surprehendido a mais pequena predisposição tuberculigena, bem morigerados e sobrios por outro lado, tendo sido enlaçados nas malhas, ora largas, ora apertadas, da Justiça, por delicto de que se não livrarão os mais pacatos burguezes collocados nas mesmas circumstancias — individuos d'esta natureza, digo, lá foram victimados por aquella infecção n'um curto periodo de alguns mezes!

A outros foi impossivel accudir pelo adiantado das lesões baccillares lá originadas, ou pelo menos despertadas e apressadas.

Foi o conhecimento d'estes factos o determinativo d'esta these.

Resumidamente, que mais não posso, procurarei esfumar os horripilantes quadros do *Aljube, e das Cadêas da Relação do Porto*.

Em seguida esforçar-me-hei por levantar estatisticas da mortalidade geral e pela tuberculose nas citadas cadêas, e comparal-as-hei com as congengeres da população livre do Porto e do Paiz. Por ultimo apresentarei algumas observações clinicas, que farão a contra-prova.

Receio muito não conseguir o meu intento já porque não tenho hombros para tamanha empreza, já porque me irão faltar os registos necessarios, tão descurados entre nós.

Nem por isso deixo de apresentar este trabalho, porque, se a obra é pessima por falta de recursos pessoaes ou extranhos á vontade, ampara-nos a esperanza de que seja um despertativo para alguém, a quem sóbre competencia e illustração para preencher esta lacuna.

Como premio de consolação bastava-me ter produzido isto em favor dos miseraveis.

○ ALJUBE

E AS

CADÊAS DA RELAÇÃO DO PORTO

(HYGIENE)

Como é natural e indispensavel o estudo da anatomia normal antes do de pathologica, assim eu julgo dever expôr, ainda que muito resumidamente, as condiçõs a que deverá satisfazer uma habitação collectiva para ser salubre, antes de patentear os enormes aleijões, de que se acham gravemente enfermas as prisões do Porto.

Preceituam os hygienistas que os edificios destinados a uma collectividade, ou seja um hospital ou seja uma prisão onde existem mais doentes que sãos, devem ser situados nos suburbios das cidades, em cujo centro se não encontram o espaço sufficiente, nem o ar e isolamentos requeridos. Devem estar expostos ao sul nas regiões septentrionaes, e abrigados da incidencia solar na zona torrida.

Cada individuo deve de ter á sua disposição trinta metros cubicos de ar puro e renovavel, não podendo exagerar-se uma das dimensões do aposento á custa da outra, pois o acido carbonico, os microbios e as poeiras, mais pesadas que o ar, accumulam-se nas camadas inferiores, de modo que a quatro ou cinco metros acima do pavimento existe ar puro, mas inutil para a respiração.

Imperscindivel se torna a distribuição de boa e abundante agua para beber e para serviços de limpeza.

Urge que se retirem prompta e completamente as aguas, que serviram aos usos domesticos, as dejecções e outras materias residuaes. Especial cuidado deverá haver com as latrinas, pois facilmente se prevê, que serão constantemente emporcalhadas. Os modernos systemas *water closet* e uma vigilancia acurada sem grande difficuldade proverão a está necessidade.

O ar viciado por multiplas causas, como sejam respiração, sudação, exalações humanas, dos exgotos e das latrinas, gaz de illuminação, poeiras, etc., deverá de ser renovado completamente por uma bôa ventilação.

Esta, não podendo ser assegurada nos aposentos de occupação permanente pela abertura de janellas oppostas, póde obter-se por intermedio de *bainhas* verticaes praticadas nas paredes do edificio. N'esta especie de ventiladores, nada in-

comodos e de grande poder renovador, o ar interior, viciado, entra por uma abertura praticado na extremidade inferior da baina, por onde sóbe em razão da sua maior temperatura, indo sair na extremidade superior.

O ar externo, que o vem substituir, entra por aberturas praticadas na parede opposta.

O aquecimento—uma das melhores condições do renovamento aereo, que é proporcional á differença das duas temperaturas, interna e externa—extremamente necessario nas prisões onde os vestidos não primam pela abundancia e conservação, e a roupa dos leitos se não faz aborrecer pelo excesso, sejam quaes fôrem o combustivel empregado e o aparelho usado, tem de manter uma temperatura confortavel para evitar as grandes perdas de calor animal e ao mesmo tempo deixar que os pulmões recebam ar fresco, para que se não prejudiquem as trocas gazosas, e consequentemente os phenomenos intimos da nutrição.

Esta dupla qualidade poder-se-ha obter, fazendo que as paredes do aposento se conservem a temperatura conveniente, bem como os moveis, introduzindo por outro lado ar puro e fresco do exterior. Esta seria a condição de mantermos a *salubridade thermica* de um aposento. (Trélat).

Como as plantas, tambem a especie humana estiola por falta de luz. A planta anemia-se

e morre, porque lhe falta a nutriente funcção chlorophyllina.

A mesma anemia se nota nos mineiros e outros individuos por muito tempo subtrahidos á acção da luz.

Parece mesmo que a obscuridade predispõe ás doenças, sendo a tuberculose das que mais lucra. E' traiçoeira, fére na sombra. E' assim que as pessoas, que vivem nos rés-do-chão, mal illuminados, são por via de regra as que maior tributo pagam áquella doença, não deixando comtudo de concorrer com o seu avultado coeficiente a miseria, humidade e ar viciado, em que se acham submersas.

Estimulando a respiração e a nutrição, ou excitando tonicamente o systema nervoso, o que é certo é que a luz, como todos os agentes cosmicos, affeioou no organismo humano apparelho receptor das suas impressões, sem que se não manterá o tão complexo equilibrio physiologico. Pouco importa, que se não surprehenda a mutação das ondas luminosas em ondas de vida, o que se sabe desde já é que a sua falta prejudica a saude.

A *alimentação* tem de satisfazer não só á condição essencial de ser sufficiente, isto é conter a percentagem de elementos azotados e hydrocarbonados necesarios para as diarias reacções vitaes, mas ainda de ser variada.

Demasiado se conhecem os perniciosos effei-

tos de uma quotidiana alimentação uniforme. Esta não só briga com uma boa nutrição, mas faz-se acompanhar de um invencível abhorrecimento, como facilmente advinham os que têm tido a felicidade de o não experimentar.

De resto não devemos perder de vista, que, em uma collectividade, diversas devem de ser as manifestações diathesicas, e portanto para desejar seria que o regimen alimentar variasse consoante as exigencias dos differentes temperamentos morbidos. Não estamos, porém, no campo das utopias; exija-se o strictamente necessario: que a fome não afferre as suas garras afiadas nos estomagos da população das habitações collectivas, e que a inanição não seja a causa immediata ou remota da sua morte.

Julgo d'esta maneira ter feito o esboço das principaes condições, a que deve satisfazer uma habitação collectiva, para que se não converta em — *matadouro publico*.

O ALJUBE

O Porto, que apregôa aos quatro ventos e se ufana de ser o berço e baluarte da Liberdade patria, que se empaveza com o seu commercio e industria, e, n'um arranco de orgulho e talvez inveja, exigiu o *porto de Leixões e a Estação Central*; o Porto, que se arroga todas as bellas iniciativas, vê sereno, indiferente e imperterrito a immundicie, que atapeta as suas ruas, as latrinas e pestilenciaes exhalções das suas *boccas de lobo*, a defeituosissima conducção para fóra dos seus excrementos, em summa a mais crassa e absoluta carencia de saneamento.

Quando alguma epidemia de surpresa bate á porta, tudo são azafamas, tudo são queixumes como em casa faminta, e espera-se da *Virgem*, que, armada de inexaurivel paciencia, reprima o alastramento epidemico, até que fingidas medidas sanitarias se adoptem. Casa roubada, trancas á porta!

Quando a epidemia, enojada de defrontar com tão fraco inimigo, se retira desdenhosa, ahi

volta o habitual desleixo, o criminoso *statu quo* e, quando Deus quer, o orgulho da *victoria!*

Pois o mesmo Porto, que olha para tudo isto impassível, e distraiu avultadas sommas para duas obras, que, se não são inúteis, como eu julgo, deviam ser sacrificadas a outras de maior urgencia, como é o saneamento da cidade, conserva duas immundas prisões!

Uma, por euphemismo chamada aljube, é um midievico pardieiro, situado no mais anti-hygienico dos bairros do Porto—o bairro da Sé.

É a prisão destinada a receber os capturados pela policia, mas, em circumstancias especiaes, podem os doentes, que se encontram prostrados nas ruas, terem lá o seu leito de agonia.

Duas salas são *generosamente* postas á disposição da policia para n'ellas apinhar todos os suspeitos de ter commettido qualquer delicto, ou em flagrante encontrados, bem como os que incommodarem os ouvidos das *auctoridades* com os berros estridentes e *mal soantes* da sua consciencia. Apenas distincção de sexos! Por tão pouco não valia a pena...

Salas são estas de aspecto horrendo, para onde a luz se cõa a medo e avaramente por pequenas aberturas, cruzadas de duas ordens de ferros, e que fazem as vezes de janellas. Ainda bem que a luz escassa, mergulhando em meia sombra aquelles aposentos, não deixa vêr clara-

mente os caninosinhos, que servem de leitões, sujos, revoltos, esfarrapados, inaceitáveis.

Das paredes, ennegrecidas e atapetadas de arachnideaceas teias, escorre essa humidade característica das casas velhas e infectas—mixto de salitre e crime. O mobiliario do aljube faz lembrar o d'esses saltimbancos miseráveis, que percorrem as aldeias, fornecendo ao publico espectaculos a dez reis. E para condizer com a moldura, no quadro sobresaem figuras humanas de rostos macilentos e pallido—terrosos, olhar turvo e desconfiado, tronco arqueado sob o peso do vicio e da miseria, ironicamente vestidos de andrajos, a quem a agua e a potassa nunca poiram. Como co-habitantes e commensaes as ratazanas e todo o genero de parasitas.

N'uma sala entram honestos, assassinos, ladrões, falsarios, salteadores, devassos, criminosos natos e criminosos de occasião, velhos, adultos e creanças: na outra mulheres honestas e prostituídas, de todas as edades, e de todas as matizes criminosas.

Que bellos fructos não deve produzir esta pandemonica caldeação!

Como no inferno de Dante, innocencia, que lá caia, não conseguirá resistir áquella asphyxiantate athmosphera de depravação, alcool e exhalções mephiticas.

Com franqueza julgo honrar demasiado este paleontologico casebre, apontando-lhe defeitos

de hygiene, sendo, como é, certo que aqui se deveria realizar a prophesia jerusalemica «não ficar pedra sobre pedra»; o unico depurador para aquelle montão de estrume seria o fogo consumidor.

N'um paiz em que se curasse alguma coisa da saude publica e a desmoralisação, avassalando tudo, não campeasse infrene, qual seria o destino de um edificio publico, permanentemente habitado, onde a ventilação se realiza atravez de duas redes ferreas de malhas apertadas e pequenas dimensões, não havendo além d'isso janellas oppostas para que se estabeleça a tão necessaria e depuradora corrente?!

Se a vida dos miseraveis merecesse alguma attenção aos nossos estadistas, qual seria a sorte de um edificio publico, onde se respira uma athmosphera quasi solida, onde o aquecimento é nullo e no inverno se bate o dente de frio? o que seria de uma habitação destinada a uma collectividade, onde a cubagem é escassa para os ratos e tantos outros animalaclos lá existentes, onde o sol, aterrorizado, não quer entrar, e á noite a meia luz dos bicos de gaz debuxa pelas paredes espectros de condemnados, que mettem medo?!

A alimentação é pessima, insufficiente, e uniforme. A proposito da Relação daremos o panno da amostra. As latrinas das prisões são pequenos nichos cavados n'uma das paredes do aposento, onde não corre gotta de agua. Usadas

por um numero de individuos por vezes muito crescido e pouco acieados, não tendo por outro lado syphão interceptor, são geradores constantes de gazes venenosos—a mais irritante mofa da hygiene.

Depois, se todas as doenças desfilam por alli na mais tolerante e torpe das promiscuidades, que muito é que o contagio se effectue necessaria e abundantemente?!

Doenças de pelle, syphilis e tuberculose alli assentam os seus arraiaes, e de lá fazem a sua sementeira, a sua propagação.

Os individuos, que entram no aljube por via de regra pertencentes ás classes miseraveis e portanto pouco cuidadosos, serão á saída os agentes de transmissão de toda a casta de molestias infecto-contagiosas.

E por um lado vemos o Porto a lutar contra os agentes da infecção; vemos todos os dias atravessar as ruas da cidade os pomposos carros da *Desinfecção Municipal*, e do outro vemos alli o aljube a rir, a rir escarninhamente, cultivando á farta e *ad libitum* microbios para exportação, compensando com vantagem os mortos na refrega com o porto de S. Lazaro!

Parece que a *Desinfecção* no Porto representa o papel de *papão* para assustar creanças, faz-nos lembrar,—e n'isto bem haja, que nos sacode o diaphragma em desopilante gargalhada—o homem que quizesse vedar uma levada com uma

rede de arame, ou o cirurgião que quizesse suspender uma grande hemorragia n'um grosso tronco arterial fazendo simples compressão. A força da infecção pelos innumerables fôcos no Porto existentes sobreleva muitissimo a qualquer beneficenciação, que se possa obter da *Desinfecção Municipal*. A acção desinfectante é muito restricta; a cidade mergulha n'um oceano de immundicie, sendo o aljube e o seu bairro *um mar de sargachos*, onde se accumulam todos os reziduos impuros:

Bem sei que o aljube é casa para maltrapilhos, ou desherdados de *Fortuna*, mas ricos herdeiros do crime ou lá atirados pelo Acaso, e não para pacatos burguezes, a quem a planura da vida não faz desviar do caminho recto (geometricamente fallando); bem sei que a canalha das prisões nenhuma influencia exerce na *alta do bacalhau*, e a miseria a ninguem interessa, mas reparemos, senhores, que podemos em fortuitos encontrões nas ruas ser salpicados por aquelles desalmados, uma vez soltos, e então a infecção beberá soffrega nas nossas enxundias que as bellas sestras, que dormimos refestelados nas poltranas, nos crearam.

Não por ella, pela canalha, que o não merece — que leve o diabo tal praga —, mas por nós, creaturas de Deus, almas christãs, expurgemo-nos d'aquella vergonha!

E' ainda o aljube a unica casa que tem a

auctoridade para recolher os doentes encontrados prostrados nas ruas, quando não possam por qualquer motivo dar entrada no Hospital de Santo Antonio.

Não será a primeira vez, que as tarimbas do aljube sirvam de leito de agonia! Que bello portico do céo! . . . Como se fôra crime morrer de fome e de miseria! . . . Pois se o Porto só possue hospitaes e hospicios de Caridade de instituição particular . . .

E' o aljube tambem casa de reclusão para as *toleradas* infectadas, quando as enfermarias, que a Misericordia para esse fim destina, estão completas. Estas creaturas, mais dignas de compaixão que repellentes, entram para a sala commum a amalgamar-se com as já existentes; a syphilis e as outras affecções venereas, que adquiriram com o pão quotidiano, podem propagar-se a seu talante; ninguem as constringe a viver isoladas. Mais ainda.

Quando algum desgraçado alienado se encontra vagueando pelas ruas e empecendo a sociedade, é ainda o aljube que terá de lhe fornecer abrigo, quando não possam ser internados n'algum manicómio.

N'uma das visitas que fiz ao aljube lá encontrei tres d'esses infelizes.

Lá ficam até sabe Deus quando a ser tractados por um pessoal, que carece das mais elementares habilitações, e a quem o tracto com os malfei-

tores enervou os sentimentos humanitarios. Não ha agua sufficiente no aljube; a sua distribuição é pessima e muito regateada! Banhos! . . . quem falla n'elles? . . . que lembrança peregrina! . . .

Chega uma epidemia e os illustres filhos do *berço da Liberdade* nem pelo porto de Leixões a exportarão mais depressa, nem da Estação Central a farão partir com mais velocidade. Ainda se os habitantes do aljube nunca obtivessem a liberdade, facilmente nos livrariamos d'elles, apertando-os em cerrado cordão sanitario, mas a policia, na sua falta de zelo, após uns dias de vexame e contagio, póde julgal-os innocentes, e ahi virão os immundos misturarem-se comnosco e contaminar-nos!

E' urgente que se ponha á disposição da policia uma prisão em condições hygienicas, pois é este um dos estabelecimentos mais frequentado, onde o duplo movimento de entrada e saída é constante. Nada mais proprio para o alastramento de uma epidemia. Se bem que estas são um triste apanagio a mais das classes pobres e proletarias, sempre um ou outro caso póde cravar garras ferozes nos *inoffensivos* abastados.

Salvemo-nos, pois!

Construa-se edificio novo para aljube, onde possa fazer-se a separação dos delictuosos por cathogorias; não é justo, que se equipare uma simples contravenção a um crime repugnante. Estabeleçam-se banhos annexos, que os prezos

tomarão á entrada, mudando de vestuario para o seu ser desinfectado.

Depois dê-se-lhes cama, onde possam dormir, senão commodamente, pelo menos sem moêr os ossos, e roupa, que os preserve do regelante frio de inverno, que ora soffrem; forneçam-se-lhes uns miseraveis colchões de palha, para que se não contundam nas taboas.

Depois d'isto ar em abundancia, que não custa dinheiro, e alimentos, que bastem á sua nutrição.

Detemo-nos por aqui para não alargar muito e inutilmente este trabalho; só desejavamos carregar no botão para dar o alarme; fica-nos a consolação de que o nosso silencio não é cumprimento no attentado.

CADÊAS DA RELAÇÃO

O edificio da Relação, situado no lado sul do Campo dos Martyres da Patria, tem a fórma de um prisma triangular, cujas faces olham uma para o jardim da Cordoaria, outra para a rua de S. Bento da Victoria, sendo a terceira separada do antigo convento de frades beneditinos—actual presidio militar—por uma travessa, que d'aquella rua dá para a das Taypas. Uma grande parte do edificio é occupada pelo tribunal da Relação e suas dependencias.

A entrada para a cadêa é do lado da Cordoaria. O aspecto externo do edificio é o d'uma masmorra medieval. Entremos corajosos e desinfectados a vêr o seu interior, e oxalá saiamos incolumes dos maus tractos não dos encarcerados, que são inoffensivos, mas da *bicharia* que lá se arrasta. E' já pessima a primeira impressão de todo o conjuncto interior do edificio; quanto mais se examina, tantos mais defeitos se encontram.

Os corredores são estreitíssimos e sacrificados por paredes de uma grossura colossal. Dir-se-hia que estamos em presença de um enorme monolitho. Não ha um só corredor rectilíneo; são todos dobrados em diversos cotovelos, e peçados de varios e incontaveis recantos d'onde os malfeitores podem fazer sortida contra os guardas e mesmo subtrahirem-se á sua vigilancia. São muito mal illuminados. A luz desce por um *poço* estreito cavado no centro do edificio; os seus ultimos raios no extremo da pallidez a custo conseguem chegar ao fundo—ás enxovias.

Tres planos se sobrepõem para constituir o nosso monumento de pessima e incomprehensivel architectura, e da mais redonda anti-hygiene.

No rez do chão, quasi subterraneas, estão as chamadas *enxovias* e a sala destinada aos que se querem entregar ao trabalho. No primeiro andar ficam diversos salões para presos, e o gabinete da direcção e suas dependencias. No segundo andar, o melhor da casa, ha uma pequena sala para aula, tres banheiras n'um recanto, as enfermarias e os chamados quartos de *malta*—a malta nova do lado da Cordoaria e a malta velha do lado da travessa de S. Bento.

A enfermaria de homens é toleravel; não tem a cubagem e a ventilação que seriam para desejar, mas conhecemos algumas salas de hospital, que estão em muito peóres circumstancias:

De resto é regularmente ventilada, mas nullo o aquecimento. A de mulheres é pequena, mas é pouco frequentada. Os quartos de malta, sobretudo os da nova, são razoaveis, se bem que devam ser frigidissimos no inverno. A casa de banhos é um arremedo reles de alguma coisa, que deveria existir.

Desçamos agora ao primeiro andar.

Ha aqui duas prisões para homens e uma para mulheres. Apenas se abre a porta d'estas prisões e deparamos com a enorme accumulção dos detidos, serra-se-nos o coração de dôr! A' simples inspecção se nota, que nenhuma d'aquellas prisões tem cubagem sequér para um terço d'aquella gente. O mobiliario é miseravel. Os leitos são armarios que se suspendem á parede durante o dia. A roupa da cama, immunda, são cobertas de lã. Ausencia absoluta de roupa branca. As latrinas são interiores, não tem syphão, nem para ahi corre qualquer porção de agua. A athmòspherá ressentese muito d'isso; a pituitaria accusa immediatamente cheiros mephiticos. A luz, temperada, não é dos principaes defeitos da cadêa; a ventilação é pessima; nas janellas existem pequenos rodizios de folha de Flandres, cuja principal qualidade é fazer muito barulho. As latrinas de servidão geral do edificio occupam um recanto ao fundo d'um corredor; são uma taboa munida d'alguns buracos, por onde se descarregam as materias excrementicias, que

vão cair n'um fosso em directa communição com o interior. Nem gotta de agua tambem aqui.

Desçamos mais ainda. Vejamos as enxovias. Aqui o horror toma-nos os sentidos. De cubagem e ventilação muito inferior ás do 1.º andar, estas prisões são frigidissimas no inverno e das suas paredes escorrem verdadeiros regatos, que vem formar pantano no pavimento. Não ha descripção, que valha uma simples vista. Quem olha de baixo, d'estas prisões, imagina-se no fundo d'um poço. Do lado interior não ha a esperar ventilação. As janellas, que dão para o exterior, não bastam tambem á renovação completa do ar; são pequenas e ainda notavelmente reduzidas pelos travessões das grades. Uma d'estas enxovias é destinada a creanças!!!

II

A população da cadeia em 22 de setembro de 1899 era a seguinte:

Quartos de malta.	12
Salão de S. José	88
Salão do Carmo	47
Enxovia de Sant'Anna . . .	65
Dita de Santa Rita.	7 (creanças)
Dita de Santo Antonio . . .	76
Dita de Santa Thereza . . .	16
Saleta	11
Enfermaria	13
	—
Total	340

Convém notar, que os detidos já tem ultrapassado o numero de quinhentos. Imagine-se a enorme accumulção!

Do salão de S. José, o maior e melhor, são as seguintes as dimensões:

Comprimento.	25 metros
Largura.	8,45 »
Altura	4,8 »
Capacidade total.	1014 m. c.
Espessura do muro do fundo	1, ^m 45
Dita dos muros de separação	0, ^m 91

ENXOVIA DE SANT'ANNA

Comprimento.	13, ^m 17
Largura.	7, ^m 42
Altura.	7, ^m 6
Capacidade total.	742, ^m 682
Cubagem util.	488, ^m 607 (Altura 5 ^m)
Espessura do muro do fundo	1, ^m 57
Dita dos muros de separação	0, ^m 87

ENXOVIA DE SANTO ANTONIO

Comprimento.	14, ^m 90
Largura	8, ^m 75
Altura.	7, ^m 6
Capacidade total.	990, ^m 850
Cubagem util.	651, ^m 875
Espessura do muro do fundo	1, ^m 59
Dita dos muros de separação	0, ^m 87

São estas as maiores prisões da Relação. Todas as outras, irregularissimas como estas, são muito mais pequenas.

A prisão de S. José, tendo uma capacidade de mil e quatorze metros cubicos e sendo actualmente habitada por oitenta e oito presos, dá pa-

ra cada um uma cubagem de *onze metros* cubicos. E' metade da que pelo menos deveria ser.

Se a isto accrescentarmos a temperatura pouco elevada do ambiente interior, a falta de asseio e as exhalações constantes das latrinas, veremos que a renovação do ar se fará muito morosamente e nunca será completa, visto não haver corrente sufficiente. A quanto ficará reduzida a cubagem?... Nem quero calcular...

A prisão de Sant'Anna (enxovia) tem uma capacidade aproveitavel para a respiração de quatrocentos e oitenta e oito metros cubicos, o que dá para cada individuo *sete metros cubicos*. Que miseria! Isto n'uma prisão, onde a athmosphera é quasi immutavel.

A enxovia de Santo Antonio dá uma cubagem de *oito metros* por individuo.

Ruminam eternamente os proprios excreta.

III

Por falta de installação adequada, os presos não são obrigados a banharem-se á entrada, nem tão pouco recebem outros vestidos. Vão, tal qual vêm de fóra, a misturar-se com os outros. Parece que se pretende n'elles uma immuniidade natural e absoluta para as molestias infecto-contagiosas. Como são elles distribuidos? Como se sabe, os presos são obrigados a pagar a carcera-gem, de modo que occupam os melhores aposentos os que mais dinheiro possuírem. Para as enxovias são atirados os indigentes, sem appellação! Os que podem pagar mais vão occupar os quartos de malta, aligeirando-se-lhes d'esta maneira a pena, como se a facilidade da vida fôra atenuante do crime! Um roubo coagido pela miseria é mais repugnante e merece mais severo castigo do que uma fallencia fraudulenta de um banqueiro!!...

A eterna questão do burro condemnado á morte por ter roído algumas febras de herva!

Os presos levantam-se ao nascer do dia no inverno e deitam-se ás 8 horas; no verão levantam-se ao nascer do sol e deitam-se ás 9.

Durante o dia fazem o que querem; vivem ociosos. Como o trabalho é voluntario, pouquissimos se entregam a elle.

Como se vê, é uma vida monotonica a mais não poder ser. Os castigos corporaes, condemnados pela hygiene, são tambem prohibidos pelos regulamentos. Ha, porém, ainda dois castigos, que a hygiene tambem condemna e no entanto subsistem. São a alimentação durante dias a *pão e agua*, e o enclausuramento nos *chamados segredos*.

Sobretudo estes dois ultimos são horrorosos.

Imagine-se um nicho communicando com o exterior unica e exclusivamente por uma porta. Encerrado o castigado, fecha-se hermeticamente a porta e o interior ficará immerso nas mais profundas trevas. O ar tambem não conseguirá entrar. O *emparedamento!*

IV

Os alimentos são fornecidos pelo estado.
Constam do seguinte:

Domingo	} 800 grammas de brôa, caldo duas ve- vezes e um prato á Cozinha Economica.
Segunda	
Terça	O mesmo.
Quarta	Idem.
Quinta	Egual ao domingo.
Sexta	} As 800 grammas de brôa e caldo.
Sabbado	
	Como ao domingo.

Basta encarar a lista para vêmos a pobreza franciscana d'esta hospedaria obrigatoria. A alimentação é evidentemente defeituosa e insufficiente. Póde allegar-se que os prezos tem o direito de mandar vir de fóra alimentos duas vezes por dia.

E' mais um apanagio do dinheiro!

E os que o não tiverem? que estoirem já que o não souberam arranjar?!

Se a sociedade tem direito a exigir o seques-

tro dos malfeitores, o Estado tem obrigação de os não matar á fome!

A brutal eloquencia da lista alimentar dispensa mais commentarios. Os prezos são tractados como suinos de *lavrador mediocre!*

V

Os prisioneiros dormem em commum e no mesmo compartimento, que habitaram de dia. Figure-se uma prisão com as dimensões já descriptas, onde oitenta e oito individuos, e por vezes mais de cem, dormem de janellas fechadas, pois mais doloroso seria soffrer o ar regelante e nevoente das noites do Porto no inverno em que o thermometro chega a marcar menos de 0.º

Por cima de tudo isto as exhalções fetidas das latrinas e dos proprios individuos, que nunca se lavaram, e a quem a immundicie formou uma carapaça sobre a pelle. Vestidos sujos, roupa da cama sujissima e transmittindo-se de uns para os outros sem lavagem. Depois as desordens moraes de toda a ordem. Um meio proprio para fazer medrar a devassidão e deperecer a vitalidade!

ESTATISTICAS GERAES

Se nenhuma estatística nos póde merecer uma confiança absoluta, porque são muitas as faces que pódem falsear a verdade, comtudo estas, que vamos apresentar, fallam claro pela brutalidade dos algarismos. O obituario das cadêas da Relação deve vir muitissimo reduzido, pois os prezos, habitando lá em regra menos de dois annos, virão liquidar cá fóra, subtraindo-se á estatística prisional e avolumando a da população livre. As estatísticas de todas as nações dão uma mortalidade superior para a população das cadêas.

O Dr. Georges Cornet, investigando n'uma população média de 235592 individuos em 33 estabelecimentos penitenciarios da Prussia durante 15 annos, achou uma mortalidade total de 7029 homens e 906 mulheres, sendo pela tuberculose 3221 homens e 447 mulheres. A percentagem de defuncções pela tuberculose vem a ser 45,82 % para os homens e 49,33 para as mulheres. Na população civil de idade correspondente a porporção era de 23,78 % dos obitos por todas as causas. Dos 20 aos 40 annos a mortalidade pe-

la tuberculose para os dois sexos nos detidos, resoltou *cinco vezes maior* que na população livre; dos 40 aos 70 *tripla* nos homens e *quadrupla* nas mulheres.

Pelo exame rigoroso dos detidos á entrada na prisão, chegou a concluir que 50 % dos mortos pela tuberculose vinham já de fóra tuberculizados. Ainda assim fica um contingente superior ao da população livre.

Mons. le dr. Emile Laurent, n'umas estatísticas que abrangem o periodo decorrido desde 1873 a 1888, chega a identicas conclusões. A mortalidade nas prisões do Sena é bem superior á da população livre, considerada na mesma idade. A percentagem de victimas da tuberculose é ainda mais avultada: N'estes ultimos annos tem decrescido graças aos cuidados hygienicos levados ás prisões.

Entre nós tem-se desprezado muito estes assumptos. O pouco que se sabe de hygiene penitenciaria e de anthropologia criminal lá de fóra nos tem vindo; por emquanto temo-nos limitado a reprimir! Não podemos apresentar estatísticas, que valham inteira confiança; faltam por completo os registos. Ainda mesmo que conseguissemos fazer estatísticas das prisões, faltar-nos-ia o segundo termo de comparação: não existem tabellas de mortalidade por doenças para a população livre.

Nos ultimos cinco annos o movimento das cadêas do Porto foi a seguinte:

1894

Entradas	{ Homens . . . 1:691	} 2:046
	{ Mulheres . . . 355	
Sahidas	{ Homens . . . 1:709	} 2:054
	{ Mulheres . . . 345	

1895

Entradas	{ Homens . . . 1:875	} 2:167
	{ Mulheres . . . 382	
Sahidas	{ Homens . . . 1:804	} 2:183
	{ Mulheres . . . 379	

1896

Entradas	{ Homens . . . 1:575	} 1:974
	{ Mulheres . . . 399	
Sahidas	{ Homens . . . 1:415	} 1:781
	{ Mulheres . . . 366	

1897

Entradas	{ Homens . . . 1:500	} 1:955
	{ Mulheres . . . 455	
Sahidas	{ Homens . . . 1:352	} 1:798
	{ Mulheres . . . 466	

1898

Entradas	{ Homens . . . 1:738	} 2:290
	{ Mulheres . . . 452	
Sahidas	{ Homens . . . 1:527	} 1:966
	{ Mulheres . . . 439	

O obituario desde 1893 a 98, inclusivé, foi o seguinte:

1893

Tuberculose pulmonar	5
Tuberculose da pleura	1
Tuberculose dos ossos da bacia	1
Pleurisia chronica (enorme derrame)	1 ⁽¹⁾
Grippe e pneumonia	1

1894

Tuberculose pulmonar	3
Granulia	1
Enterite chronica	1 ⁽²⁾
Dothienteria	1
Pneumonia lobar aguda	2
Variola hemorrhagica	1

1895

Granulia	1
Cirrhose atrophica do figado	1
Nephrite intersticial e osteite da tibia e peroneo	1

(1) Sem grande atrevimento póde attribuir-se esta Pleurisia á tuberculose.

(2) Esta enterite chronica faz lembrar tuberculose intestinal.

1896

Tuberculose pulmonar	8
Tuberculose mesenterica	1
Bronchite chronica	1 ⁽³⁾
Febre typhoide	1
Lesão cardiaca.	1
Hemorragia interna	1

1897

Tuberculose pulmonar	5
Escrophulose	1
Congestão pulmonar	1
Congestão cerebral	1
Febre typhoide	1
Epilepsia.	1
Variola confluenta	1

1898

Tuberculose pulmonar	1
Myelite	1
Variola hemorrhagica	2
Osteo-sarcoma da face	1

Total 50

(3) De que natureza seria esta bronchite?

A media annual será, portanto, de dez obitos, o que, referido a uma população media de 350 individuos, dá a mortalidade:

$$M = \frac{10}{350} \times 1000 = 28,57$$

A taxa geral no continente para o undecennio de 86 a 96 é de 21,9 (1); para o Porto é de 30,6; em Lisboa 27,7.

Acontece, porém, que estas sub-taxas se referem á mortalidade em todas as edades, ao passo que na Relação só temos a contar com uma população de adultos. Ainda assim já se vê que a taxa obituarial das cadêas da Relação é superior á de Lisboa para todas as edades, e muito superior á do Paiz. Vejamos, o que nos diz a estatística a proposito da população livre dos 20 aos 40 annos — idade correspondente á dos habitantes das cadêas.

Em mil obitos no Porto muito menos de um *terço* são em individuos dos 20 aos 60 annos; morrem 279 adultos por mil defuncções.

(1) Os dados referentes á população livre foram extrahidos do livro «Demographia e Hygiene da cidade do Porto» do Ex.^{mo} Snr. Dr. Ricardo Jorge.

Em Lisboa a percentagem é um pouco maior, o que depende da sua *structura* populacional, mais adultos e menos creanças; morrem 312 adultos por mil obitos. Como se vê, a proporção é ainda inferior a um *terço*.

No Paiz não ha registos!...

Se a mortalidade dos adultos é um *terço* da mortalidade geral, pareceria á primeira vista que a mortalidade das cadêas deveria ser multiplicada por tres para a comparação poder fazer-se. Teriamos uma taxa de 85,71, isto é *quadrupla* da do Paiz, *tripla* da de Lisboa e *duas vezes e meia* maior que a do Porto.

Ha, porém, duas *correcções* a fazer: a primeira é que a mortalidade etaria deve ser referida á população correspondente a essa idade, e é dada pela formula:

$$M_x = \frac{O_x}{P_x} \times 1.000,$$

na qual O_x representa o numero de obitos de uma certa idade referidos a uma população P_x da mesma idade; a segunda é que a população da cadêa é muito *movediça*, sendo de dois mil em *média* o movimento e tendo nós feito o calculo para a *média* de 350 habitantes tomada dia a dia. Viriam, portanto, aquellas taxas reduzidas, mas muito superiores á da população livre.

O obituario na Relação é quasi todo preen-

chido pela tuberculose; isto é que não pôde sofrer contestação.

Em 50 obitos 28 são devidos á tuberculose para só contar os nitidamente averiguados; a percentagem vem a ser, portanto, de 56 % sobre os obitos por todas as causas!

Accrescentarei mais uma vez que uma grande parte dos prezos, demorando-se pouco no carcere, virão, cá fóra, na Penitenciaria ou nas colonias penitenciarias, a ser victimas das lesões que na cadêa adquiriram ou lá foram promovidas.

Apresentamos em seguida o movimento morbido da Relação desde 93. Era nosso desejo formar um quadro completo com o nome da doença, idade e profissão do individuo, data da entrada e sahida da enfermaria e resultado do tratamento. N'este caso não nos faltam os registos, mas escasseia-nos o tempo. Por circumstancias involuntarias começamos tarde a examinar as tabellas archivadas na secretaria do Hospital de Santo Antonio.

Em 1893, além dos fallecidos, passaram pelas enfermarias da cadêa 189 homens e 41 mulheres. Entre todos os doentes encontramos 9 casos de tuberculose.

Em 1894 adoeceram 252 homens e 50 mulheres, baixaram por lesões tuberculosas 17.

O movimento de 1895 foi de 231 homens e 37 mulheres; por tuberculose 15.

Em 1896: 220 homens e 54 mulheres; tuberculosos 16.

Em 1897: 114 homens e 28 mulheres; tuberculosos 16.

Em 1898: 151 homens e 35 mulheres; tuberculosos 12.

De todas as doenças, as mais frequentes são as do aparelho gastro-intestinal, predominando as gastrites. Virtudes da alimentação! Vêm em seguida as do aparelho pulmonar, predominando as bronchites. Pureza da atmosphera interna!

São também muito frequentes os casos de rheumatismo articular e muscular. Prodigios da temperatura!

A grippe, sobretudo em 96, atacou muitos prezos, quasi metade dos doentes.

Deve, por sem duvida, ser devido ao escrupuloso cuidado do clinico da cadêa que se não alastrou a variola após alguns casos já apontados; não conhecemos meio mais proprio para a diffusão do que a Relação. Por ultimo notarei que uma grande parte dos casos de tuberculose foram—granulia.

Tuberculose

É facil a antevisão de que o meio e regimen prisionaes são optima condição para que a tuberculose faça destroços medonhos. Peor ainda quando as cadêas fôrem a negação da hygiene e o regimen incompativel com os bons costumes, como acontece no Porto.

A tuberculose póde exercer a sua acção sobre individuos já doentes, sobre os *physicamente* tarados e sobre os indemnes actualmente e hereditariamente.

I

Encarcerar um tuberculoso é condemnal-o á morte; não sei para que a repugnancia dos codigos em exarar a pena capital, se a prisão para estes individuos é perfeitamente equivalente.

O meio prisional é exactamente o inverso do que precisam estes doentes para terem algumas probabilidades de cura ou pelo menos verem alliviados os seus padecimentos. Um tuberculoso, apenas internado no carcere, verá aggravarem-se

os seus soffrimentos, e a morte será rapidamente a sua terminação. Para não avolumar esta obra limito-me a uma observação pessoal; de resto seriam immensas as que poderiam ser citadas.

OBSERVAÇÃO — F. de dezoito annos, solteiro, filho familia sem occupação determinada, natural de Ovar, tendo-se envolvido n'um crime de homicidio frustrado, teve, após mezes de homiziação, de recolher á cadêa para entrar em julgamento nas proximas futuras audiencias geraes.

Antecedentes hereditarios — Nenhum caso de escrofula ou tuberculose se encontra nos ascendentes e collateraes do nosso observado. Os paes são ainda vivos, contam já bastante idade e tem sido sempre saudaveis. Dois irmãos do sexo masculino são de constituição forte e sadios.

Antecedentes pessoas — De constituição forte e temperamento sanguineo, nenhuma doença anterior a esta se apura no passado do nosso caso. Como causas degenerativas e debilitantes encontram-se alcoolismo e manifestos excessos genesicos precoces.

Historia e principio da doença — Pouco tempo antes de entrar na prisão, no tempo em que andou escapado á justiça, começou a sentir uma ligeira dôr ao nivel do vertice do pulmão esquerdo — dôr que irradiava para a espadoa e que se seguiu de uma tosse rebelde ao tractamento e d'alguns escarros levemente raiados de sangue. Não pude n'esta occasião fazer o exame thoracico.

Oito dias depois de entrado na prisão é tomado de violenta hemoptyse, acompanhada de tosse. O doente empallideceu muito. N'esta data a auscultação revelou um pouco de sopro tubar e **bronchophonia** no vertice do pulmão esquerdo, atrás, e a **percussão denunciou** diminuição de sonoridade sob a clavicula. Em **todo o** resto d'este pulmão se **notava** diminuição do **murmurio vesicular**, e algumas **raras crepitações**.

No vertice do pulmão direito havia rudeza no murmurio. A um mez pouco mais ou menos invade o novo doente mais violenta hemoptyse, d'esta vez acompanhada de febre, que nunca mais o abandonou. A febre era característica; havia remissão matutina. Suores nocturnos abundantes começaram a banhal-o incommodamente. O emmagrecimento foi rapido. Elle, que d'antes tinha uma musculatura athletica, apresentava agora as carnes flacidas e pequena força muscular podia desenvolver. Tudo se cumpriu em menos de dois mezes. Á data do julgamento já havia sopros cavernosos. A anorexia era completa; uma diarrhea invencivel se tinha installado. Julgado e absolvido por commiseração do jury para com o doente, foi-se cachectisando até que a terminação fatal sobreveio a um mez d'esta data. Sem tara heraditaria e com a organização atrás apontada, é licito inferir que aquella vida, feita para lutar e talvez vencer, senão deixaria liquidar, pelo menos tão depressa, se não fôra o

aprisionamento e correlativas condições anti-hygienicas e emoção deprimente.

II

Se os individuos enclausurados, aparentemente sãos, são tristes legatarios da tuberculose, ainda a prisão será causa sufficiente para fazer accordar o germen adormecido e dar á doença uma marcha assustadora e não habitual. Bem se comprehende que terrenos d'esta natureza não é por falta de semente que não produzem, pois essa abunda, mas por condições climatericas, que estorvam a germinação. Que um heredo-tuberculoso, sem lesões tuberculosas, viva ao grande ar dos campos e na mais absoluta sobriedade de todas as suas funcções, e teremos uma athmosphera impropria para o desabrochar do bacillo.

Que este mesmo individuo seja transportado para o ar confinado e impuro de um carcere, onde tudo é incompativel com a saude, e teremos encontrado o meio adequado ao medrar desmesurado do bacillo. Se o terreno é de boa qualidade e as condições climatericas propicias, não faltando a semente, porque não esperar uma colheita farta?

OBSERVAÇÃO — Este caso foi extrahido da clinica do Dr. Laurent, medico nas prisões de Paris.

F., 19 annos, typographo, entra para a enfermaria central a 7 de janeiro de 88. A mãe tinha morrido tuberculosa aos 42 annos. Rapaz pallido, olhos pretos e brilhantes, pelle fina e branca. Nunca tinha tossido nem escarrado sangue. Entrou para a prisão no fim de dezembro de 97. Poucos dias depois, põe-se a tossir e a escarrar sangue, apparecendo ao mesmo tempo febre vesperal e suores nocturnos. Na enfermaria, constataram-se lesões muito nitidas: som subbasso á percussão, expiração prolongada e soprante no vertice direito.

III

São mais raros os casos de aquisição da tuberculose por individuos, em que não existem antecedentes hereditarios. Em todo o caso está bem averiguado que as prisões, como todos os recolhimentos, podem crear aquella affecção. Fará a contrapova a seguinte observação, que é pessoal.

OBSERVAÇÃO — V. F., 30 annos, casado, filho de um lavrador abastado, e elle proprio lavrador. Suspeito de, n'um dia de romaria, juntamente com outros, se ter envolvido em desordem, de que resultaram duas mortes. Prezo e recolhido á cadêa da comarca, foi, após

a pronuncia, transferido pelo delegado do procurador regio para as cadêas da Relação do Porto.

Antecedentes hereditarios—Nenhum dos seus ascendentes teve manifestações escrofulosas ou tuberculosas. Possui tres irmãos, sendo um do sexo feminino, que são saudaveis.

Antecedentes pessoaes—Nunca teve doença de gravidade, nem manifestações escrofulosas em creança, nem actualmente se nota qualquer reliquia a tal respeito. Tem sido sempre bem morigerado, nunca se entregou a excessos quer genésicos, quer alcoolicos. Usou sempre da sobriedade e costumes patriarchaes dos lavradores da aldêa.

Vivendo sempre uma vida honesta no labutar constante do campo, sentiu immenso a prisão, que considerava, como vilipendiosa. Nunca adquiriu resignação.

Uns quinze dias depois de internado na Relação entraram os seus pulmões de protestar contra o ar pestilencial d'aquella habitação por meio de uma teimosa tosse sêcca. Mais tarde um mal estar, que não uma dôr definida, lhe tomou a espadao direita. Um anno depois, que veio a julgamento, apresentava-se pallido e bastante emmagrecido, as massas musculares algum tanto atrophiadas. A tosse não tinha desaparecido, bem como a dôr gravosa da espadao direita. De quando em quando exacerbavam-se.

Julgado e condemnado pela iniquidade de

um jury feito á imagem e similhaça da odiosa politica local, recolheu novamente ás cadêas do Porto.

Nova emoção e d'esta vez mais deprimente, porque se lhe cerrava mais o horisonte da Esperança, se apoderou da nossa victima.

Appellou da sentença e esperou mais um anno que a 2.^a instancia dêsse o seu *veredictum*.

N'este intervallo a tosse recrudescceu, e alguns escarros de sangue começaram a apparecer. A dôr fixou-se em pontada do lado direito. O doente sentia necessidade de fazer amiudadas vezes profundas inspiraçoẽs. Na Relaçã não o podemos auscultar. Annullada a 1.^a sentença, foi de novo julgado e d'esta vez absolvido. O jury não fez justiça guiado pelas irrecusaveis provas de innocencia; foi uma *reviravolta* politica. De que lhe valeu n'esta altura a absolvição, se para sempre estava condemnado pelo bacillo de Koch? O seu aspecto era dos que não mentem. A auscultação e percussão já revelavam nítida *cavernisação*.

Como o pae, lavrador abastado, tivesse onerado uma grande parte das suas propriedades com as despezas directas e tortuosas do processo, o nosso doente resolveu ir ao Brazil obter o resgate. Ainda bem que a tuberculose illude as suas victimas até ao fim. Em menos de dois mezes succumbia aos estragos da phtysica.

E' minha absoluta convicção de que este caso de tuberculose é em todas as suas partes devido á habitação nas cadêas da Relação.

CONCLUSÃO

O *délenda Carthago* de eterna memoria tem hoje a sua applicação ás cadêas do Porto. Faltar-á o Catão, que atroe com aquellas terriveis pa-lavras os pouco agudos tympanos de quem póde providenciar.

Provado como fica, que nenhum dos requi-sitos indispensaveis a uma casa soffrivelmente salubre se acha satisfeito, n'esta hora alta da ci-vilisação é um crime conservar esses necroterios; e, como por outro lado não ha reformas, por mais completas, que consigam remediar taes inconve-nientes, o abandono d'essas enxovias, como pri-sões, está naturalmente indicado. Não se exige um palacio para a miseria, mas o indispensavel para que não sejam lesados na sua vitalidade. E ainda n'este caso o beneficio será nosso, por-que o Estado gastará cinco vezes mais com os prezos baixados ás enfermarias, além de se per-der o trabalho, que no intervallo da doença por-

ventura poderia ser executado. Se a morte é o desfecho da doença, que grande perda economica d'ahi não poderá resultar!

E' de menos uma alavanca, e, quando Deus quer, alavanca de grande potencia! A morte, estupidamente cega na escolha das suas victimas, póde ter dizimado um artista. E nós que somos um paiz pobres de riqueza e pobres de genios e talentos, nada podemos desperdiçar. O desperdiçado hoje seria ámanhã saboreado com soffreguidão!

E' forçoso estabelecer uma casa de banhos annexa ás prisões e obrigar os detidos a banharem-se não só á entrada, mas periodicamente durante o tempo de encarceramento.

E' justo que os doentes sejam inspeccionados á entrada por um medico, que apartará os tuberculosos incipientes e os escrofulosos. Estes infelizes pódem até esta data não ter sentido nenhum dos symptomas da sua minante tuberculose, apesar da miseria physiologica habitual, mas chegados á prisão, graças á privação de exercicio em pleno ar, á tristeza moral que os deprime e ao frio humido, verão desabrochar e evoluir de uma maneira assustadora e desusada a doença, que traziam *in posse*. Não ha nas prisões logar para estes doentes, mesmo porque contaminam os outros; o seu logar seria em colonias penitenciarias especiaes, que pouco aggravariam os encargos do thesouro publico. Se todas as ou-

tras doenças entram nas estatísticas com um grande contingente superior ao da população livre, o seu coefficiente de mortalidade baixaria decerto desde que sabias medidas hygienicas fossem applicadas aos estabelecimentos penitenciaris, tambem elles proprios construidos segundo as modernas prescripções scientificas.

Podem-nos objectar, que se a população das cadêas vive mal, tambem existe um sem numero de familias laboriosas e honestas, que habita mansardas nada superiores ás prisões e come o pão negro e insufficiente, amassado com o suor. Sim, essa ironia social é pungente, mas essa miseria não vive, pelo menos apparentemente, á sombra da lei, não é o Estado, que directamente a sustenta; ao passo que as prisões são de immediata regencia governamental. A miseria dos primeiros de origem mais complexa póde ignorar-se e subtrahe-se á acção do Estado; a dos segundos existe alli patente e é por assim dizer preparada pelos poderes publicos. A primeira é um problema social difficil de resolver; a segunda é um defeito legal facil de remediar. E' uma irrisão, que as altas regiões pomposamente promovam guerra á tuberculose, quando se mantêm no mais completo abandono as prisões. Não são só as do Porto, todas as cadêas comarcãs seriam recusadas para estabulos já não digo pelas bestas de aluguer, mas pelas gordas cavalgadas dos ricos senhores.

Como para o crime, que só tractamos de castigar, assim para a tuberculose só se pensa nos já tuberculisados, e não se extinguem os focos originarios. Fechar a porta, para que não entre o raio, ou o buraco ao rato, para que não roia a carne.

PROPOSIÇÕES

Anatomia — A anatomia nada nos indica sobre a capacidade do reservatorio vesical.

Physiologia — Não ha relação necessaria entre o pezo do cerebro e o grau de desenvolvimento mental.

Therapeutica — Não existem medicamentos abortivos.

Pathologia externa — As orchites chamadas traumaticas vão entrando para o quadro das orchiepididymites infectiosas.

Operações — Na hernia irreductivel opto pela cura radical.

Partos — A unica posição physiologica é a occipitoiliaca esquerda anterior.

Pathologia interna — Não ha tractamento medico da appendicite.

Anatomia pathologica — Só q microscopio póde cortar em absoluto o diagnostico da peste bubonica.

Pathologia geral — O suor retido no organismo vinte e quatro horas é sufficiente para matar o homem.

Hygiene — Condemno o systema penitenciario de Philadelphia.

VISTO.

Dr. Souto,
Presidente.

PÓDE IMPRIMIR-SE.

D. Lebre,
Director interino.